

## Produtividade cai em 2022 e cenário para 2023 é negativo

**Conjuntura** Indicador calculado pelo FGV Ibre recua pelo 2º ano seguido, encontrando-se abaixo do nível pré-pandemia

# Produtividade cai em 2022 e cenário para 2023 segue pouco animador

Anaís Fernandes  
De São Paulo

Após nova piora no último trimestre de 2022, a produtividade do trabalho no Brasil fechou o ano passado em queda mais uma vez, apesar do avanço da formalidade no mercado de trabalho. O comportamento reflete a percepção de que os ganhos de produtividade na pandemia foram fruto de efeitos parciais e passageiros. E as perspectivas para 2023 não são mais animadoras, com possibilidade de outra contração. As informações, antecipadas ao Valor, são do Observatório de Produtividade Regis Bonelli do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas (FGV Ibre).

Todas as medidas de produtividade recuaram em 2022, mas com magnitudes mais parecidas entre si do que em 2021. Elas são calculadas por diversas métricas para o trabalho, em relação ao valor adicionado à economia, uma variável próxima do PIB, mas que exclui impostos e subsídios.

No ano passado, a produtividade por horas efetivamente trabalhadas — que reflete melhor os impactos gerados pela pandemia — caiu 4,5%, vindo de retração de 7,9% em 2021, mas após uma disparada de 12,7% em 2020 que contrastou com a tendência de queda média de 0,3% entre 2014 e 2019.

As horas efetivamente trabalhadas podem incluir reduções por motivo de doença, feriado ou os cortes de jornada realizados em meio à crise da covid-19, entre outros, bem como aumentos por causa de picos de produção e compensação de horas não trabalhadas, por exemplo. As medidas de produtividade por horas habitualmente trabalhadas e pela população ocupada, por sua vez, recuaram 4,3% e 4,1%, respectivamente, em 2022. Elas haviam caído bem menos em 2021: 0,3% e 0,2%, pela ordem.

“As três medidas foram convergindo ao longo do tempo, e a pandemia não parece ter tido um efeito duradouro na produtividade de trabalho”, afirma Fernando Veloso, coordenador do observatório e um dos autores do estudo sobre produtividade junto com Silvia Matos, também coordenadora, e os pesquisadores da FGV Ibre Fernando de Holanda Barbosa Filho e Paulo Peruchetti.

O resultado não deixa de ser surpreendente, segundo Veloso, porque era possível imaginar que a adoção de mais e novas tecnologias para superar os desafios impostos pela pandemia poderia ter algum efeito positivo na produtividade agregada. “Ele não apareceu até agora”, afirma o pesquisador, acrescentando que o mesmo foi observado em outros países.

Como todas as métricas de trabalho são medidas em relação ao valor total adicionado à economia, que não muda (subiu 3% em 2022), a contração mais sincrô-

zada dos indicadores de produtividade no ano passado reflete “fatos de trabalho” que se comportaram de forma mais semelhante.

Em 2022, houve crescimento de 7,4% no número de pessoas ocupadas, de 7,7% no total de horas habitualmente trabalhadas e de 7,5% no total de horas efetivamente trabalhadas. Em 2021, com o processo de normalização da economia após o choque da covid-19 no ano anterior, o avanço havia sido muito mais pronunciado das horas efetivas (13,8%) do que da população ocupada (5%) e das horas habituais (5,1%).

Medida de eficiência com que os fatores capital e trabalho se transformam em produção, a chamada produtividade total dos fatores (PTF) caiu 2,9% em 2022, considerando as horas efetivas. Agora, está 3,2% abaixo do nível pré-pandemia. Como a crise sanitária afetou mais categorias menos produtivas — outros serviços (que inclui os prestados às famílias), transporte e construção, por exemplo — e trabalhadores menos qualificados, a produtividade média do país subiu por todas as métricas em 2020. Em 2021 e 2022, conforme esses setores foram se recuperando e esses trabalhadores foram retornando ao mercado, a produtividade não só caiu em relação a 2020 como agora está aquém do patamar anterior à covid-19 — 0,5% abaixo no caso das horas efetivas e 0,3% no caso das horas habituais para um patamar mais baixo que o pré-pandemia porque a tendência já era de queda. Na PTF, é ainda pior, porque volta abaixo da tendência”, diz Veloso.

O cenário de queda trimestral da produtividade, iniciado em meados de 2021, manteve-se ao longo de 2022, embora em magnitude menor a cada trimestre. Entre outubro e dezembro do ano passado, a produtividade pelas horas efetivamente trabalhadas recuou 0,9%, em relação ao mesmo período de 2021, vindo de retração de 3,3% no terceiro. Na série desazonalizada, isto é, na comparação com os três meses imediatamente anteriores, o recuo foi de 0,3% no quarto trimestre de 2022, após queda de 0,5% no terceiro.

Chama a atenção, segundo os pesquisadores, que, ao longo de 2022, o mercado de trabalho foi sustentado pelo emprego formal, enquanto em 2021 a retomada mais rápida foi do trabalho informal. “O informal caiu fortemente lá no auge da pandemia, mas se recuperou primeiro. Agora, o informal não está apenas desacelerando, mas efetivamente caindo, e o formal está crescendo. É surpreendente”, diz Veloso.

Em dezembro de 2022, as ocupações formais estavam 6,9% acima do período pré-pandemia, enquanto as informais estavam 1% abaixo, nota o FGV Ibre. São considerados formais empregados privados, públicos e domésticos com carteira, por conta própria com CNPJ, empregadores com CNPJ, além de militares e servidores estatutários. Os informais são

os trabalhadores privados e domésticos sem carteira, por conta própria sem CNPJ, empregador sem CNPJ e trabalhador familiar auxiliar.

“A geração de emprego foi desacelerando [ao longo de 2022], o que já é um fato bem documentado, e ele foi ficando mais formal”, diz Veloso. Isso não se refletiu, no entanto, em ganhos de produtividade, o que também foi considerado “um pouco surpreendente”, afirma, porque o trabalhador formal tende a ser mais produtivo.

Uma explicação possível é que o setor formal está sendo puxado pelo conta própria com CNPJ, que, muitas vezes, é um microempresário individual (MEI) operando em escala reduzida. Em dezembro de 2022, o emprego do conta própria com registro estava 28,2% acima do período pré-pandemia, enquanto o do trabalhador com carteira assinada estava apenas 5,7% acima. O resultado do FGV Ibre divulgado pelo Valor já aponta que quase 80% dos conta própria com CNPJ são MEI.

“Agente imagina que formalização gera aumento de produtividade, porque isso dá acesso a mercados de crédito, empresas governamentais, escala para a empresa crescer sem problemas de fiscalização, ter mais capital físico e trabalhadores de maior escolaridade. Mas esse é o formal que é uma pessoa só ou, no máximo, tem mais um empregado. Não é o que o agente imagina que vai gerar um salto de produtividade”, diz Veloso.

Apesar do crescimento explosivo, o conta própria com CNPJ ainda representa pouco mais de 5 milhões de trabalhadores em um universo de quase 100 milhões de ocupados no país. Ainda assim, ponderando o peso de cada categoria, o conta própria registrado representou mais de 60% do crescimento agregado de 4% do emprego no quarto trimestre de 2022, em relação a 2019, aponta Veloso.

Além do crescimento do conta própria com CNPJ, a volta ao mercado com força de trabalhadores menos qualificados em 2021 e 2022, após terem sido os mais impactados pela pandemia em 2020, também ajuda a explicar os limites da formalização à produtividade.

O emprego dos sem instrução formal ou com fundamental incompleto, que já recuava 3,2% em 2019 conforme a educação brasileira avançava, despencou 18,2% em 2020 com a pandemia, mas subiu 3,3% em 2021 e 7,5% em 2022. Para quem tinha até o médio incompleto, após queda de quase 14% do emprego em 2020, houve crescimentos de 9,1% em 2021 e de 6,7% em 2022. Em 2019, sua ocupação avançava apenas 0,5%.

Mesmo entre os trabalhadores formais, o emprego cresceu 12,2% em 2022 para quem não tinha nem o fundamental completo e 8,6% para quem tinha até o médio incompleto. “É um fato um pouco surpreendente”, diz Veloso.

Para 2023, a probabilidade

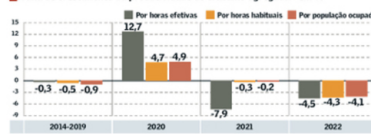


Fernando Veloso, do FGV Ibre: Avanço do emprego formal não aumentou produtividade do Brasil em 2022

### Nova queda

Formalização avança, mas não traz ganhos produtivos ao Brasil

■ Taxa de crescimento da produtividade do trabalho agregada - em %



2,8% foi a queda da produtividade por horas efetivas no 4º trimestre de 2022, ante igual período de 2021

■ Evolução da produtividade do trabalho por horas efetivas em relação ao pré-covid

Número-índice (4º trim/19 = 100)



0,9% é quanto a produtividade por horas efetivas está abaixo do nível pré-covid

■ Evolução das categorias de ocupação na série mensalizada, com ajuste sazonal

Número-índice (fev/20 = 100)



6,9% é quanto as ocupações formais estão acima do nível pré-covid, ocupações informais estão 1% abaixo

■ Decomposição da variação do emprego no 4º trimestre de 2022, em relação ao 4º trimestre de 2019 - em %



28,2% é quanto o conta-própria com CNPJ está acima do nível pré-covid, sem CNPJ está 2,2% abaixo

Fonte: FGV Ibre com dados do Post-Consumer (IBGE)

maior é de uma nova queda da produtividade, segundo os pesquisadores. “Quem está mais otimista com PIB neste ano é porque vê mais emprego, então, a característica da produtividade não muda

muito. É muito mais emprego do que PIB”, diz Matos.

A baixa produtividade é um entrave para que o país consiga crescer a taxas mais elevadas de forma sustentável, porque o Produto Interno

Bruto (PIB) potencial do Brasil também acaba sendo menor. “São várias reformas [feitas desde 2016] que do mundo esperaria algum impacto, mas parece que o fiscal draga a gente”, observa Barbosa Filho.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Valor Econômico - São Paulo/SP

Seção: Brasil Caderno: A Pagina: 4